



Hiyab, Burka e Chador: os usos e apropriações sobre o Véu na obra *Persépolis*

Euclidevânia Sales Barbosa¹

Universidade de Pernambuco/Campus Petrolina-UPE

E-mail: euclidevania@gmail.com

ORIENTADORA: Edianne dos Santos Nobre²

Universidade de Pernambuco/Campus Petrolina-UPE

E-mail: edianne.nobre@upe.br

Para compreender o Véu como um simbolismo religioso e de caráter obrigatório no Irã, é preciso, antes de mais nada, entender o processo histórico vivenciado pelo país até chegar em sua concepção contemporânea. O Irã é um país originalmente Persa, que ao ser invadido pelos árabes em 642, foram obrigados a adotar o Islã e sua prática xiita. No entanto, muitos elementos da cultura Persa foram absorvidos nesse novo modelo implementado pelos árabes no país. Aqui abordaremos o uso e desusos do véu no recorte temporal de 1979-1994 período abordado por Marjane Satrapi em sua obra autobiográfica, intitulada *Persépolis*. A história divide-se em três períodos: 1) 1979 período que marca a queda do Regime do Xá, por meio de uma luta popular, que, posteriormente, vem a se transformar em uma ditadura religiosa. Esse novo regime transformou o cotidiano do país em um caos, refletido na guerra diária vivenciada no país, seja de modo interno ou externo. Isso resultou na fuga de Satrapi para Áustria, em uma busca da liberdade perdida no Irã; 2) o ano de 1984 marcou o fim da primeira parte do livro e o início da segunda. Esse período retrata o olhar de Satrapi sobre como ela

¹ Graduanda do VIII período de História pela UPE-Campus Petrolina. Bolsista pela Capes no Programa de Iniciação à Docência-PIBID desde 2015.

² Professora Adjunta do Colegiado de História. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Festas e Religiosidades (GEFRE).



via sua identidade, e, como os outros a percebiam em um país ocidental durante os 4 anos em que ela morou na Áustria; 3) e por fim, a terceira parte do livro traz o retorno da autora a Teerã no ano de 1988, onde permaneceu por 6 anos, até 1994, e culmina com a decisão da romancista iraniana em deixar definitivamente o país para ir morar na França. O uso do véu se tornou obrigatório no ano de 1980, e, foi alvo de manifestações populares, tanto por parte daqueles que eram contra sua imposição, como também por aqueles favoráveis ao seu uso como elemento identitário e religioso do país. Marji, como era chamada quando criança, se viu diante do uso obrigatório do véu nas escolas. Ela, assim como suas colegas não sabiam o significado daquele lenço, pois ele foi imposto sem a devida explicação sobre o motivo, e nem foi dado o poder de decisão as pessoas. Esse acessório tão polêmico, tornou-se uma marca registrada do islamismo, portanto, também é um símbolo da disseminação de preconceito entre aqueles que não conhecem o seu significado. Existem vários tipos de véu, sendo adotados modelos diferentes a depender do país em que se vive. No entanto, ainda se percebe a ideia estereotipada, na qual, tende-se a relacionar o véu diretamente com a *burka* ou como símbolo da religião muçulmana. Esse estereótipo deve ser problematizado, visto que, a *burka* adquire características que extrapolam o quesito religioso, ela é também um componente cultural, adotado por alguns países. Sendo que a maioria dos países não faz uso desse tipo de véu, mas sim de diversos outros, por exemplo, no Irã o véu utilizado é o *chador*. Em *Persépolis*, podemos perceber o uso e o desusos desse símbolo religioso como uma forma de resistência. Podendo ser visto ainda como a autoafirmação de sua identidade ou Cultura, assim como o seu não uso pode ser observado como forma de objeção a sua imposição. Ao abordar o véu, outros aspectos nos chama a atenção: a sua utilização fora do islamismo, ou seja, o véu como símbolo religioso e ocidental. Em *Persépolis*, a autora, em sua mudança para a Áustria residiu em vários locais, sendo um deles, uma pensão de freiras. As duas religiões, que têm o véu como símbolo religioso, no entanto, possuem percepções sociais distintas desse objeto que é visto com respeito quando usado pelas freiras, mas de forma negativa quando utilizado pelas mulheres



islâmicas. Nesses usos e apropriações do véu é perceptível a operacionalização das táticas relativas ao véu, como uma forma de resistência ao Regime em seu uso diversificado para conseguir um espaço que possa se tornar permissível naquele ambiente. Diante dos aspectos já citados, a representação feminina presente na obra Persépolis pode ser analisada de várias perspectivas: a partir do espaço que lhe é representado, levando em consideração qual mulher está sendo apresentada, o espaço geográfico e social, bem como a influência da autora na sua interpretação.

PALAVRAS-CHAVE: Burca. Chador. Oriente. Ocidente. Persépolis. Veu.

FONTE:

SATRAPI, Marjane. **Persépolis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SAID, Edward Wadie. **Orientalismo** – o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARRANCA, Adriana; CAMARGOS. **O Irã sob o Chador**: duas brasileiras no país dos aiatolás. São Paulo: Globo, 2010.